

DIANA PIVATTO

**OS IMPACTOS CAUSADOS PELA MODERNIZAÇÃO  
CONSERVADORA NA AGRICULTURA A PERSPECTIVA DE  
ESTUDANTES DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA DO  
MUNICÍPIO DE SANTA TEREZA DO OESTE / PARANÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná. Como requisito parcial para obtenção do grau de especialista.

Profª Orientadora: **Cinthia Sena Abrahão**

MATINHOS

2011

## OS IMPACTOS CAUSADOS PELA MODERNIZAÇÃO CONSERVADORA NA AGRICULTURA NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES DO PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA DO MUNICÍPIO DE SANTA TEREZA DO OESTE / PARANÁ

PIVATTO, DIANA<sup>1</sup>

ABRAHÃO, CINTHIA SENA<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste trabalho procurou-se compreender os impactos da modernização da agricultura no município de Santa Tereza do Oeste, no estado do Paraná, a partir da vivência pelos educandos do PROGRAMA PROJOVEM CAMPO SABERES DA TERRA. A modernização da agricultura teve início no Brasil na década de 1960, principalmente nas regiões Sul e Sudeste. A modernização conservadora nos trouxe impactos socioeconômicos, bem como ambientais. Através de relatos de educandos que vivenciaram este processo pode-se perceber como os mesmos trazem subsídios para que realizemos uma análise crítica sobre o que esse processo causou em suas vidas.

**Palavras-chave:** Modernização, Êxodo Rural, Exclusão.

---

<sup>1</sup> Graduada em Tecnologia Ambiental. Medianeira 2007. Formação Pedagógica Plena em Química. Medianeira 2009. Educanda do Curso de Especialização em Educação do Campo, Programa Saberes da Terra, Universidade Federal do Paraná, Setor Litoral (UFPR Litoral) e Escola Estadual Santa Maria – Ensino Fundamental. E-mail: diana\_ambiental@hotmail.com.

<sup>2</sup> Economista, Educador Orientador do Curso de Especialização em Educação do Campo - Programa Saberes da Terra. Professora da UFPR – Setor Litoral. professora da Universidade Federal do Paraná. E-mail: cisena@terra.com.br

## CONTEXTO

O governo brasileiro implantou políticas públicas de modernização da agricultura a partir da década de 1960, o que acarretou diversos problemas socioeconômicos, culturais e ambientais em todo o país. A estratégia utilizada privilegiou o aumento da eficiência da produção monocultora, deixando em segundo plano, questões estruturais, como a desigualdade na distribuição da renda, na propriedade e posse da terra, baixo nível de escolaridade, desemprego, expulsão do campo que se expressam regionalmente entre outros problemas.

O autor Alberto Passos Guimarães conceitua tal processo como modernização conservadora. Pode-se dizer que “[...] a ‘estratégia de modernização conservadora’, assim chamada, porque, diferentemente da reforma agrária, tem por objetivo o crescimento da produção agropecuária mediante a renovação tecnológica, sem que seja tocada ou grandemente alterada a estrutura agrária.” (Guimarães, 1977, p. 3).

Deste modo, as elites dominantes permaneceram arraigadas na estrutura do poder político nacional, determinando os caminhos do desenvolvimento capitalista nacional que, em sua vertente agrária, objetivou a “[...] manutenção do monopólio da terra e dos privilégios políticos da oligarquia rural, que asseguram uma modernização conservadora, à custa da exclusão política dos setores subalternos do campo, da expropriação do campesinato e da sua proletarização irremediável.” (Azevedo, op. cit., p. 28).

Martine e Garcia (1987) afirmam que o processo de modernização conservadora foi um dos principais vetores para a expansão e a aceleração do êxodo rural na economia brasileira. Para os autores, o

[...] modelo de modernização conservadora do regime militar, atendendo aos interesses que promoviam o pacote tecnológico da Revolução verde, em meados da década de 60, que acentuou o significado da migração rural-urbana e da concentração em cidades cada vez maiores. (Martine e Garcia, 1987, p. 61).

A análise do processo de modernização conservadora expressa-se sob duas formas:

- ✓ Impactos ambientais, com os problemas mais frequentes provocados pelo padrão de produção de monocultura é uma prática precedente ao processo de modernização que veio do modelo de agricultura colonial no Brasil, e foi intensificada, difundida inclusive para as pequenas unidades e acrescida da dependência dos insumos industriais, em especial o pacote químico. O que acarretou a destruição das florestas e da biodiversidade genética, a erosão dos solos e a contaminação dos recursos naturais e dos alimentos.
- ✓ Impactos socioeconômicos, causados pelas transformações rápidas e complexas da produção agrícola, implantadas no campo. Os interesses do modelo de desenvolvimento hegemônico adotado provocaram diversos problemas como a imigração campo-cidade acirrados por esse padrão concentrador difundido pela agricultura capitalista brasileira.

A exploração ambiental está diretamente ligada ao avanço do complexo desenvolvimento tecnológico, científico e econômico que, muitas vezes, tem alterado de modo irreversível o cenário do planeta e levado a processos degenerativos profundos da natureza (RAMPASSO, 1997).

Ao falar sobre as tendências deste novo modelo de agricultura implantado, deve-se olhar para a realidade atual, na qual existem várias condições que vão da máxima exclusão da estrutura de produção, até a sofisticação extrema dos produtores rurais. Um exemplo disso é a produção da soja que é um importante produto oriundo da modernização da agricultura paranaense, e requer elevada produção para se tornar viável, ou seja, pequenos produtores não conseguem atingir níveis de lucratividade iguais aos grandes produtores, que usam de pouca mão de obra e de intensa tecnologia produtiva.

Nesse contexto, o objetivo deste trabalho é analisar os impactos da modernização conservadora da agricultura na perspectiva de dois dos educandos do Projovem Campo Saberes da terra da comunidade de Santa Maria, que é um distrito

de Santa Tereza do Oeste, no estado do Paraná, desmembrado dos municípios de Toledo e Cascavel no ano de 1990. Segundo o censo de 2010 possui 10.332 habitantes, suas atividades econômicas estão nas produções agrícolas e em pequenas indústrias instaladas no município. Os educandos do Projovem são em sua maioria pequenos produtores rurais de idades entre 19 e 65 anos, que sempre viveram na região oeste do Paraná e que relatarão suas experiências vivenciadas no campo, suas dificuldades, as modificações que o campo sofreu com o passar dos tempos.

## DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A experiência aqui relatada foi realizada na comunidade de Santa Maria, distrito de Santa Tereza do Oeste-PR. Esta possui aproximadamente três mil habitantes, localizada na rodovia PR - 163 a quinze minutos da cidade de Cascavel, formada de pequenos agricultores que cultivam milho, feijão, hortaliças, criação de animais (gado leiteiro e aves para o abate). Há também comércio de frutas oriundas de outras cidades e estados. A escola que acolheu o Programa Projovem Campo Saberes da Terra foi a Escola Estadual Santa Maria – Ensino Fundamental, que funciona em regime de compartilhamento com a Escola Municipal Nossa Senhora do Carmo.

Esta pesquisa teve início após uma aula do segundo eixo, tendo como base o Texto 1 “Agroecologia e a Perspectiva da Formação Integrada” do caderno “**Sistema de Produção e Processos de Trabalho no Campo**”, o texto analisava alguns dos problemas relacionados à modernização da agricultura no Brasil, tais como:

- Êxodo rural;
- Degradação ambiental;
- Empobrecimento da agricultura familiar;
- Contaminação dos alimentos através do uso intensivo de agrotóxicos;

- Concentração fundiária;

Então foram feitas algumas colocações a respeito do assunto, e posteriormente os educandos através de relatos contaram que vivenciaram todos esses problemas e ainda hoje vivenciam alguns deles, como o êxodo rural e degradação ambiental e tentam não fazer uso de agrotóxicos no plantio de hortaliças para consumo, mas que não conseguem deixar de usá-lo no plantio agrícola.

Destas experiências relatadas em sala de aula, duas foram escolhidas para serem discutidas neste trabalho, pois os relatores são moradores da região há mais de cinquenta anos, presenciaram a transformação ocorrida na agricultura através da modernização, a qual teve início em meados dos anos 1970 e 1980, no Paraná.

Os alunos do Projovem de Santa Maria são indivíduos de idade entre 19 e 65 anos, sempre estiveram ligados com atividades no meio rural, no entanto, alguns não conseguiram mais dar continuidade aos seus trabalhos no campo e foram para a cidade em busca de novas oportunidades. Atualmente, esses alunos que protagonizaram o êxodo rural trabalham como diaristas, empregadas domésticas, pedreiros e funcionários de empresas privadas na comunidade de Santa Maria.

Esses educandos possuem um vasto conhecimento, em se tratando do distrito de Santa Maria, onde descrevem que há 20 anos essa comunidade era uma pequena vila onde moravam em torno de 15 famílias, já nas comunidades ao seu redor como: Linha Pessoto, Linha Mangabeira, Linha União, residiam cerca de 80 famílias. Nos dias atuais, nessas comunidades moram cerca de 27 famílias, as que não vivem mais ou foram para a cidade ou compraram terras em outros municípios, até mesmo em outros estados, das pequenas propriedades formaram-se 6 grandes fazendas, as quais são voltadas para a monocultura e criação de gado leiteiro.

## Relato I

M.I.S, conta que *“sempre morei no campo, no começo quando criança meus pais trabalhavam o dia todo na roça, porque plantava diversas coisas ao mesmo tempo como: feijão, milho, trigo, arroz, mandioca, batata doce. Chegavam da roça quase noite, enquanto meu pai tratava as galinhas e os porcos, minha mãe tirava o leite. A vida não era fácil, mas meu pai nunca deixou faltar nada em casa, pois sempre que colhia guardava um tanto pra nós comer, o resto ele vendia na cidade e comprava algumas coisas pra mistura. Quando casei continuei a morar em Santa Tereza, meu marido e eu também vivíamos da agricultura, plantávamos de tudo um pouco e criávamos alguns animais como gado, porco e galinha. Da roça conseguimos dar estudos aos nossos filhos mas não foi fácil, pois passamos por muitas dificuldades, nós vendíamos o milho e depois para plantá-lo novamente teríamos que comprar da cooperativa por um preço absurdo e eles diziam que esse milho era tratado e que colheríamos o dobro, ai começou tudo não só no milho mas no feijão, no trigo e hoje no soja, onde temos que fazer financiamento no banco pra poder planta, também rezar e muito pro tempo colaborar, chover e dar sol nos tempos certos. Mas uma coisa eu percebi que mudou e muito desde criança, foi a vizinhança, porque antigamente a gente tinha vizinho a cada 100 metros da casa da gente e hoje é a quilômetros de distância, pois foram tudo embora, alguns até hoje nunca mais tive notícia... a também uma coisa mudo muito que foi a natureza, pois eu lembro que na minha casa tinha mais mato e hoje não tem não, é que meu marido e eu precisávamos de mais terra pra planta e fazer potreiro, e com isso ajudamos a desmatar...”*

Nesse relato da senhora M. I. S. notamos que ela vivenciou a modernização, mas, não sabia o que era a mesma, vimos que a influência das grandes cooperativas fez parte da modernização, bem como bancos de créditos pra financiar a lavoura para o plantio, e é que ocorre atualmente.

Notamos também que ela vivenciou o êxodo rural quando diz “... *Mas uma coisa eu percebi que mudou e muito desde criança, foi à vizinhança, porque antigamente a gente tinha vizinho a cada 100 metros da casa da gente e hoje é a quilômetros de distância, pois foram tudo embora, alguns até hoje nunca mais tive notícia...*”.

André Aparecido Alflen, 2008 discute em sua tese sobre o início do êxodo rural no Paraná,

[...] o intenso êxodo rural verificado a partir da década de 60 no estado do Paraná ocorre em função do processo de modernização da agricultura, que ao introduzir novas tecnologias com apoio governamental através de empréstimos a juros subsidiados, eliminou milhares de postos de trabalho no campo. Neste contexto os trabalhadores agrícolas foram substituídos pelos novos recursos tecnológicos e não tiveram outra alternativa senão a mudança para as cidades ou para regiões de novas fronteiras agrícolas” (ALFLEN, A. A. 2008, p 25)

O êxodo rural no Paraná, bem como no Brasil, aconteceu de forma diferenciada dos países Europeus, pois na Europa o êxodo deu-se pela revolução industrial, onde os camponeses mudavam para os centros urbanos em busca de trabalho nas indústrias. Já no Brasil, os pequenos agricultores saíram do campo em função da modernização da agricultura como também as péssimas condições de trabalhos e falta de incentivo por meio dos setores público aos agricultores familiares.

Essa modernização introduzida no campo, que também é conhecida como “revolução verde”, ocasionou vários prejuízos não somente ao pequeno agricultor que teve que se adaptar a esse novo “modelo” de produção, como também ao meio ambiente, prejudicado pela degradação do solo e das águas, desmatamento em função da produção de soja e milho entre outros problemas.

A educanda relata que teve uma pequena parcela de contribuição na degradação do meio ambiente quando diz “... *também uma coisa mudou muito que foi a natureza, pois eu lembro que na minha casa tinha mais mato e hoje não tem não, é que meu marido e eu precisávamos de mais terra pra planta e fazer potreiro, e com isso ajudamos a desmatar...*”



Podemos analisar que existe uma mistura entre dois modos de produzir: eles preservaram características tradicionais e acrescentaram características 'modernas' (o uso das sementes modificadas, dos pesticidas, etc). Acresce a isso o uso intensivo do solo que reduz a produtividade, requerendo cada vez mais recurso natural. Esse "meio termo" talvez seja ainda mais predatório, porque também são produtores mal orientados, com baixo grau de formação e perdem a referência da tradição, bem como não se enquadram plenamente em outra condição.

Talvez esse seja o quadro mais comum da pequena propriedade rural no Brasil, com isso, o novo padrão de desenvolvimento econômico tem demonstrado exclusão do homem do campo da geração de emprego, diminuição da renda, entre outros, ocasionando conseqüentemente, desordem no espaço rural, decorrente da competitividade do capitalismo.

## Relato II

*"Sou M. J. F., filha de agricultor tenho 54 anos, 4 filhos, morei na roça até meus 20 anos, quando meu pai vendeu 80 alqueires de terra para um fazendeiro, meu pai dizia que nós ganharíamos mais dinheiro se trabalhássemos de boia fria, na verdade até hoje não consegui compreender porque meu pai vendeu nossas terras ele dizia que não saberia lidar com essas máquinas que os vizinhos estavam usando nas suas terras e que ele não tinha dinheiro pra se manter mais no seu sítio, então um fazendeiro bem rico ofereceu-lhe um bom dinheiro pelas terras e emprego pra todos nós de boia fria, trabalhei de boi fria por muito tempo, e hoje fico pensando se tivesse tido a oportunidade que tenho hoje de estudar acho que meu pai não tinha vendido as nossas terras e eu poderia aplicar uma parte do que aprendi no Projovem na pratica. Também penso que as coisas naquela época ficaram mais caras na verdade meu pai não conseguiria mesmo plantar porque tinha que emprestar dinheiro do banco e se depois não conseguisse pagar iria perder do*

*mesmo jeito a terra. Hoje vivo de artesanatos e trabalho fora de diarista, moro numa casa própria e estudo no Projovem.”*

Podemos analisar que, quando a educanda diz que seu pai não tinha dinheiro suficiente para aquele modelo implantado de agricultura, e que ele teria que financiar do banco para poder iniciar sua produção agrícola, pode-se analisar que através desse sistema de produção agrícola, o produtor inicia sua lavoura devendo parte da mesma ao banco, e assim fica a mercê tanto dos fenômenos naturais, pois se não houver boas condições meteorológicas ele acabará perdendo sua produção financiada e conseqüentemente suas terras para os bancos.

As conseqüências deste novo modelo de produção ameaçam a capacidade de sobrevivência do homem do campo fazendo com que esses vendam ou percam suas terras, e começam a trabalhar de boia fria para grandes fazendeiros, e outros saem do campo e partem para as cidades em busca de novas oportunidades, provocando assim o êxodo rural.

O êxodo rural fez parte da modernização da agricultura, e continua fazendo parte da sociedade atual. Assim, podemos analisar através dos dois relatos, como também através dos índices do IBGE que apresentam que a população de 2010 vive na área rural do Brasil é de 15,65% e a população urbana é de 84,35%. (IBGE, 2010), fazendo um comparativo com dados trazidos pelo IBGE que a população de 1950 que era de 44,1% era urbana e 55,9% era rural. No Paraná a população rural em 1950 era de 75,03% e urbana 24,97%, no ano de 2010 85,3% vivem na área urbana e somente 14,7% na área rural no estado do Paraná segundo o IBGE.

Quando a educanda relata “*meu pai dizia que nós ganharíamos mais dinheiro se trabalhássemos de boia fria*”, nota-se uma ilusão de ficar rico trabalhando para os outros e não em sua própria terra, a ilusão de que a tecnologia não iria acabar com a mão de obra barata dos boias frias, mas sim iria dar mais oportunidades a eles, onde teriam mais trabalho com a implantação de tecnologias no campo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os educandos do Projovem Campo Saberes da Terra não saberiam explicar através de conceitos o que seria a modernização conservadora da agricultura, mas ele vivenciaram essa modernização na prática do dia a dia, e até hoje colhem frutos oriundos dessa modernização, como a economia e a degradação ambiental.

Trazer textos que possibilitem articular debates em sala de aula, tal como esse, através do qual pudemos obter os relatos analisados, representa uma possibilidade de aprofundar temáticas e possibilitar o compartilhamento de saberes. Além disso, possibilita aos educandos compreenderem a si próprios como parte da história do homem do campo. O debate de assuntos como a modernização da agricultura e outros mais, faz com que os alunos que moram no campo, como os do “Projovem” compreendam os processos, que vivenciaram com o passar dos anos, e conseqüentemente visualizem sua importância para a construção da história da sociedade em que vivem.

Sendo assim, podemos verificar que os impactos causados pelo processo de modernização na agricultura brasileira, também chamada de modernização conservadora, assumem expressão no relatado desses educandos. Ao mesmo tempo, fazem parte de uma transformação contínua da agricultura, e que ainda terá muitas conseqüências.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFLEN, A. A. **Espaço urbano: espaço de consumo ou de Cidadania?** 2008. 32 f. Trabalho (PDE em Geografia) Faculdade Estadual de Campo Mourão e Universidade Estadual de Maringá, Paraná, 2008.

AZEVEDO, Fernando Antônio. **As ligas camponesas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GUIMARÃES, Alberto Passos. **O complexo agroindustrial**. In: Revista Reforma Agrária, n. 6, Ano VII – Nov./Dez., 1977.

IBGE, [http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados\\_divulgados/index.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php). Acesso em 22 de agosto de 2011, às 22:38 hrs.

MARTINE, George e GARCIA, Ronaldo Coutinho. **Os impactos sociais da modernização agrícola**. São Paulo: Caetés, 1987.

RAMPAZZO, Sônia Elisete. A questão ambiental no contexto do desenvolvimento econômico. In: BECKER, D. F. (Org.). **Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997. p. 157-188.